

Debates Museológicos: o Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus) como evento científico do campo

216

Museological Debates: The Brazilian Seminar of Museology (Sebramus) as a field scientific event

Ana Carolina Gelmini de Faria¹
Lourdes Maria Agnes²

DOI 10.26512/museologia.v1i22.38552

Resumo

O estudo de revisão busca compreender a importância dos eventos científicos para o campo museológico, tendo por objeto de estudo o Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus), criado no âmbito da Rede de Professores e Pesquisadores em Museologia. Até o momento quatro edições do evento ocorreram: Belo Horizonte/MG (2014); Recife/PE (2015); Belém/PA (2017) e Brasília/DF (2019). O estudo evidencia que o Sebramus acompanha as temáticas contemporâneas da Museologia, especialmente no que se refere à apresentação de pesquisas, tendo na constituição dos grupos de trabalho esse perfil. Saliencia-se, ainda, a importância da circulação do evento no país, pois cada estado teve uma ampla difusão de suas investigações no ano em que sediou o evento. Conclui-se que o Sebramus vem a cada edição sendo aprimorado por seus agentes, tornando-se um importante espaço de discussão entre os agentes e um instrumento de comunicação científica.

Palavras-chave

Produção científica; Difusão científica; Evento científico; Campo museológico; Sebramus.

Abstract

This review study aims to understand the importance of scientific events inside the Museology field, having as object of study the Brazilian Seminar of Museology (Sebramus), created within the Museology Professors and Researchers Network. So far four editions of the event have occurred: Belo Horizonte/MG, 2014; Recife/PE, 2015; Belém/PA, 2017 and Brasília/DF, 2019. The study highlights that Sebramus goes along with Museology contemporary topics, especially in regard to presentation of researches, having this profile in the constitution of working groups. It also points to the importance of rotating the event across the country, as each state had a wide diffusion of their investigations in the year they based the event. It concludes every edition Sebramus has been improved by its agents, it has become an important space for discussion between its agents and a scientific communication instrument.

Keywords

Scientific production; Scientific diffusion; Scientific event; Museology field; Sebramus.

A Produção e Difusão Científica no Campo Museológico Brasileiro

Para iniciarmos a construção analítica desse artigo, que tem por proposta investigar alguns vestígios da produção e difusão científica da Museologia brasileira, optamos por iniciar nossas reflexões tendo como ponto de partida o conceito de campo. Segundo Bourdieu (2003, p.86) “[...] um campo é um uni-

1 Museóloga (UNIRIO), mestre e doutora em Educação (UFRGS). Docente do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma universidade (PPGMusPa/UFRGS). Membro dos grupos de pesquisa do CNPq “Escritas da história em museus: objetos, narrativas e temporalidades” e do “GEMMUS - Grupo de Estudos em Memória, Museus e Patrimônio”.

2 Bibliotecária (FURG), especialista em Gestão Empresarial (FGV/Decision) e Museóloga (UFRGS).

verso em que as características dos produtores são definidas pela sua posição em relações de produção, pelo lugar que ocupam num certo espaço de relações objetivas”. O autor salienta que:

Qualquer que seja o campo, ele é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade. A diferença maior entre um campo e um jogo [...] é que o campo é um jogo no qual as regras do jogo estão elas próprias postas em jogo. [...] Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições. Essas estratégias orientam-se seja para a conservação da estrutura seja para a sua transformação, e pode-se genericamente verificar que quanto mais as pessoas ocupam uma posição favorecida na estrutura, mais elas tendem a conservar ao mesmo tempo a estrutura e sua posição. (BOURDIEU, 2004: 29)

A busca de legitimação da Museologia enquanto um campo científico é um tema do século XX. Especialmente na segunda metade do século o assunto ganhou espaço nos debates internacionais tendo no Conselho Internacional de Museus (Icom), criado no pós Segunda Guerra Mundial, espaço para formulação de seu objeto de estudo, método, terminologia e sistema teórico (BRULON, 2017; CERÁVOLO, 2004). A estrutura do campo museológico é ainda tema de destaque entre seus agentes. De acordo com Bourdieu (2007):

Entre os fatores sociais passíveis de determinar as leis de funcionamento de um campo científico, quer se trate da produtividade de uma disciplina em seu conjunto ou da produtividade diferencial de seus diferentes setores, quer se trate das normas e mecanismos que regem o acesso à notoriedade, os mais importantes são sem dúvida os fatores estruturais como por exemplo, a posição de cada disciplina na hierarquia das ciências (na medida em que esta posição comanda o conjunto dos mecanismos de seleção) e a posição dos diferentes produtores na hierarquia própria a cada uma destas disciplinas. (BOURDIEU, 2007: 167)

Para a constituição de um campo conceber eventos científicos da área é de suma importância para sua legitimação e regulação. Esse é um processo de comunicação que promove tanto a divulgação do conhecimento científico para pessoas que não pertencem ao campo, quanto sua socialização entre os pares que a compõe. Hayashi e Guimarães (2016) reiteram que a comunicação científica se refere a um ciclo de atividades que abrange desde o início das pesquisas até sua publicação, contemplando sua aceitação e integração de seus resultados no conjunto de conhecimentos que atribuem especificidades ao campo. De acordo com os autores “O que se observa durante sua realização é a troca de experiências e conhecimento entre os pares pesquisadores e seus demais colegas, que são os autores e coautores dos trabalhos apresentados” (Ibidem, 162). Ressalta-se que a comunicação científica é indispensável à atividade acadêmica, tornando-se essencial para os pesquisadores, pois:

[...] permite somar os esforços individuais dos membros das comunidades científicas. Eles trocam continuamente informações com seus pares, emitindo-as para seus sucessores e/ou adquirindo-as de seus predecessores. É a comunicação científica que favorece ao produto (produção científica) e aos produtores (pesquisadores) a necessária visibilidade e possível credibilidade no meio social em que produto e produtores se inserem. (TARGINO, 2000: 10)

Ou seja, a partir da observação de Targino (2000) podemos reforçar que os eventos científicos são relevantes espaços de atuação para os agentes promoverem partilhas que fomentem a autonomia do campo e produzirem um microcosmo de leis próprias que distribui capital científico entre os engajados nesse domínio (BOURDIEU, 2004). Targino (2000: 10, grifo da autora), baseada no trabalho de H. Menzel, reforça aspectos da comunicação na ciência:

- a) fornecer respostas a perguntas específicas;
- b) concorrer para a atualização profissional do cientista no campo específico de sua atuação;
- c) estimular a descoberta e a compreensão de novos campos de interesse;
- d) divulgar as tendências de áreas emergentes, fornecendo aos cientistas idéia da relevância de seu trabalho;
- e) testar a confiabilidade de novos conhecimentos, diante da possibilidade de testemunhos e verificações;
- f) redirecionar ou ampliar o rol de interesse dos cientistas;
- g) fornecer feedback para aperfeiçoamento da produção do pesquisador.

Para Bruno Latour e Steve Woolgar (1997) é possível acrescentar nas reflexões sobre o conceito de campo científico de Pierre Bourdieu a noção de credibilidade, defendendo que para além dos sinais visíveis do capital simbólico, os cientistas se apropriam de formas tangíveis de reconhecimento, como as publicações (HAYASHI; FERREIRA JÚNIOR, 2010). Os eventos, nesse sentido, seriam instâncias onde os agentes teriam espaço para efetivamente se legitimar e promover os ciclos de credibilidade:

A busca de legitimidade leva o pesquisador a ter uma produção científica: um artigo conduz ao reconhecimento pelos pares, gera subvenções; às subvenções investidas em um novo equipamento darão lugar a novas produções de dados, depois a novos artigos que assegurarão um suplemento de reconhecimento etc. (Ibidem, p.171)

Os delineamentos teóricos sobre campo científico (BOURDIEU, 2004), capital simbólico (BOURDIEU, 1989) e credibilidade (LATOUR; WOOLGAR, 1997) contribuem para a compreensão da constituição do campo museológico. Tendo por recorte temático eventos científicos e recorte geográfico o Brasil, apontaremos alguns eventos nacionais que potencialmente podem ser considerados marcos da legitimação do campo.

Ao ter por ênfase eventos organizados nacionalmente podemos sinalizar o Primeiro Congresso Nacional de Museus como um importante momento de compartilhamento de conhecimento entre os profissionais de museus. Organizado pelo Comitê Nacional do Conselho Internacional de Museus (ICOM-Brasil), ocorreu na primeira quinzena de julho de 1956 na cidade de Ouro Preto/Brasil (figura 1). De acordo com Biserra (2017: 73):

O CNM [Congresso Nacional de Museus] foi a primeira experiência nacional para a constituição de uma comunidade do campo museal, um evento organizado para ser realizado no mesmo ano da conferência do ICOM, tendo por finalidade a discussão no contexto brasileiro das temáticas propostas pelo Conselho Internacional sobre os problemas dos museus, bem como a divulgação de informações técnicas. Pela primeira vez no Brasil, uma associação corporativa congregou autoridades, pesquisadores e profissionais em torno especificamente de uma pauta museal e museológica.

Figura 1 - I Congresso Nacional de Museus, 1956



Acervo NUMMUS/UNIRIO. Fonte: BISERRA, 2017: 71.

A partir do Temário do Primeiro Congresso Nacional de Museus é possível acompanhar as intenções do evento: promover o estudo, debate e eventual publicação de apresentações em formato de teses, memórias, relatórios, notícias que versassem sobre Museologia e problemas de interesse dos museus (COMITÊ NACIONAL DO ICOM, 195[6?]b). Para a chamada de apresentações foram instituídos dez eixos de trabalho: I. Caráter, âmbito e objetivos dos museus; II. Instituições brasileiras atuais; III. Legislação; IV. Sede e instalação; V. Acervo; VI. Estudos e pesquisas; VII. Divulgação; VIII. Pessoal; IX. Organização técnico-administrativa; X. Cooperação (COMITÊ NACIONAL DO ICOM, 195[6?]a). De acordo com Faria (2017):

Alguns jornais brasileiros registraram o inédito evento (Figura 5). Com notícias intituladas “Em Ouro Preto, reuniram-se os museólogos brasileiros - na cidade-museu - discutidas importantes teses sobre museografia” (EM OURO PRETO..., 1956) e “Congresso dos museus” (CONGRESSO..., 1956) era informado que o evento transcorreu com grande brilhantismo, entusiasmo e perfeito conhecimento das necessidades desse campo da cultura. Nas notícias, há a evidência do envolvimento não só de conservadores de museus no evento, mas da participação de artistas, professores e personalidades de diversos setores oficiais e privados que, segundo Barata (1956c, p.2), somaram-se a “[...] 150 funcionários de museus e especialistas de assuntos correlatos, como da educação”. (Ibidem: 109)

Interessante também observar alguns dos desdobramentos do Primeiro Congresso Nacional de Museus. Para além das articulações entre os agentes que atuavam no campo, bem como a circulação de conhecimentos especializados contemporâneos à época, um mês após o evento foi noticiada a adesão do Brasil à Campanha Internacional dos Museus, vinculada à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), o que proporciona desde então uma série de ações por parte das instituições a fim de promover a popularização dos museus (FARIA, 2017). Percebe-se, nesse sentido, uma articu-

lação nacional com as iniciativas internacionais de difusão do campo reforçando a legitimação dos museus por meio de estratégias de credibilidade.

De acordo Biserra (2017: 73) os Congressos Nacionais de Museus tiveram um importante papel “[...] nos processos de institucionalização do campo museal e museológico, e constituíram um espaço de aprofundamento dos debates acerca dos problemas dos museus, bem como das políticas públicas de preservação do patrimônio cultural sob a tutela de estabelecimentos museais”. A autora levantou em sua pesquisa dezesseis edições do evento³: nas quatro primeiras edições, com intervalo de três anos, a entidade responsável foi o Comitê Nacional do ICOM; no Terceiro Congresso Nacional de Museus (1962) foi proposta a criação da Associação Brasileira de Museologistas (ABM), fundada um ano após o evento (FERNANDES, 2014). Posteriormente denominada Associação Brasileira de Museologia, se tornou a entidade organizadora das próximas doze edições, sem periodicidade regular. A quinta edição teve apoio do Museu Imperial - cidade sede do evento daquele ano - e, a última, do Departamento de Museus e Centros Culturais (Demu), atual Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), na época um departamento vinculado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) (BISERRA, 2017).

Foi nos ensejos do Dia Internacional de Museus, do ano de 2003, que o antigo Ministério da Cultura realizou o lançamento da Política Nacional de Museus (PNM). Uma das primeiras ações dessa política brasileira voltada para os museus foi a criação do Demu/Iphan: “[...] o campo museal brasileiro fortaleceu-se institucionalmente e passou a ser prioridade de governo” (IBRAM, 2013, doc. eletr.).

A Política Nacional de Museus é composta por sete eixos programáticos. O eixo 3 - Formação e Capacitação de Recursos Humanos, contempla seis itens e o último compreende “3.6. Apoio à realização de encontros, seminários, congressos e outros fóruns de discussão para a divulgação da produção de conhecimento da área dos museus, da memória social, do patrimônio cultural e da Museologia” (BRASIL, 2003: 11). Um dos desdobramentos desse item foi a concepção do evento Fórum Nacional de Museus. De acordo com o Relatório de Gestão da Política Nacional de Museus (2003-2010):

O Fórum Nacional de Museus é um evento bienal, de abrangência e mobilização nacional, com o objetivo de refletir, avaliar e estabelecer diretrizes para a Política Nacional de Museus (PNM) e para o Sistema Brasileiro de Museus (SBM). A estruturação do fórum visa conduzir os participantes ao debate e à compreensão da necessidade de criação de estratégias, ações e articulação de outros saberes para o enfrentamento dos desafios enfrentados pelo setor. [...] a programação do fórum incluiu conferências, plenárias, minicursos, oficinas, comunicações coordenadas e apresentações orais, além de diversas programações paralelas. (BRASIL, 2010: 48)

O 1º Fórum Nacional de Museus, realizado no ano de 2004, em Salvador, tornou-se um novo marco para o campo museológico (figura 2). Reunindo cerca de 450 pessoas, promoveu intercâmbio entre estudantes e profissionais da área, com a presença de pesquisadores de referência nacional e internacional.

3 Biserra (2017) sistematizou as informações básicas dos Congressos Nacionais de Museus por edições: 1 - Ouro Preto/MG (1956); 2 - São Paulo/SP (1959); 3 - Salvador/BA (1962); 4 - Rio de Janeiro/RJ (1965); 5 - Petrópolis/RJ (1970); 6 - Natal/RN (1978); 7 - Rio de Janeiro/RJ (1981); 8 - Brasília/DF (1983); 9 - São Paulo/SP (1985); 10 - Ouro Preto/MG (1987); 11 - Vitória/ES (1989); 12 - Paraná (1991); 13 - Brasília? ou Rio de Janeiro? (1993); 14 - Florianópolis/SC (1995); 15 - Rio de Janeiro/RJ (1999); 16 - Recife/PE (2007).

Porém, cabe ressaltar que desde a primeira edição é salientado pelos organizadores do evento seu caráter prioritariamente político, ou seja, embora tenha conferências, palestras, painéis e comunicações coordenadas, o objetivo das edições do Fórum Nacional de Museus é o delineamento de políticas públicas para o setor. O evento tinha ocorrência bianual, mas foi perdendo a periodicidade⁴. A última edição ocorreu em 2017 na cidade de Porto Alegre/RS e contou na programação de seis dias com “Três conferências internacionais, nove painéis, com 27 convidados nacionais e estrangeiros, oito minicursos, apresentação de 39 trabalhos de pesquisa, além de grupos de trabalho, reuniões paralelas, atividades culturais e feira temática [...]” (FÓRUM, 2017, doc. eletr.). Como referido na citação, apenas 39 trabalhos foram apresentados nas comunicações coordenadas, momento de intercâmbio de trabalhos acadêmicos nas modalidades oral e pôster, o que evidencia que esse não é o enfoque principal do evento.

Figura 2 - 1º Fórum Nacional de Museus (Salvador/BA)



Fonte: FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS, I., 2004: 10

Como referido anteriormente, a Política Nacional de Museus é composta por sete eixos programáticos. O eixo 2 - Democratização e Acesso aos Bens Culturais também é de interesse da pesquisa, pois, em seu primeiro item, prevê o estímulo à concepção de redes entre os profissionais: “2.1. Apoio à criação de redes de informação entre os museus brasileiros e entre os profissionais desses

4 Em ordem cronológica, segue as edições do Fórum Nacional de Museus: 1º - Salvador/BA (2004); 2º - Ouro Preto/MG (2006); 3º - Florianópolis/SC (2008); 4º - Brasília/DF (2010); 5º - Petrópolis/RJ (2012); 6º - Belém/PA (2014); 7º - Porto Alegre/RS (2017).

museus, a fim de facilitar a pesquisa, o desenvolvimento profissional e democratizar o acesso ao conhecimento produzido” (FÓRUM, 2004, p.10). Uma das articulações do campo, nessa perspectiva, foi a criação da Rede de Professores e Pesquisadores em Museologia.

Inicialmente voltada para docentes do ensino superior em Museologia, a Rede de Professores e Pesquisadores em Museologia foi idealizada em 2008, em Florianópolis, durante o 3º Fórum Nacional de Museus. Ressalta-se que em decorrência do Programa Federal de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), cursos de graduação em Museologia foram fundados em todo o território nacional, contemplando uma das demandas da Política Nacional de Museus (BRASIL, 2003). Os docentes apresentaram a necessidade de se articular para um intercâmbio de conhecimentos, constituindo um debate prioritariamente voltado para a formação do profissional museólogo no país. A Rede foi a solução encontrada para suprir as necessidades de trocas sobre a extensão, o ensino e a pesquisa em Museologia (REDE, s.d.).

As próximas seis edições, de caráter anual e denominadas Encontro da Rede de Professores Universitários do Campo da Museologia, tiveram como questões transversais: perfil dos alunos de graduação, análise dos projetos pedagógicos, estratégias de criação e consolidação de novos programas de pós-graduação, acompanhamento das avaliações in loco de reconhecimento dos cursos por parte do Ministério da Educação (MEC). Foi no 5º Fórum Nacional de Museus, em 2012, na cidade de Petrópolis, que se optou por ampliar o escopo dos agentes envolvidos na Rede, passando a ser denominada Rede de Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia (Idem, s.d.).

No decorrer desses encontros foi identificada pela Rede a necessidade de organização de um evento acadêmico, de abrangência nacional, voltado para os debates próprios da Museologia. Os agentes argumentaram que um evento desse porte fomentaria o caráter científico do campo museológico brasileiro. Para suprir a demanda identificada foi idealizado, no encontro da Rede do ano de 2013, o primeiro Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS), com o objetivo de “[...] contribuir para a estruturação acadêmica da Museologia, oferecendo um espaço privilegiado para o debate e fomento da produção científica” (REDE, s.d., doc. eletr.). Sua primeira edição ocorreu no ano subsequente, tornando-se, a cada evento, um espaço estratégico para a difusão do conhecimento museológico nacional.

Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus)

O Seminário Brasileiro de Museologia é um evento promovido desde 2014 pela Rede de Professores e Pesquisadores em Museologia. Sua organização percorre diferentes instituições de ensino e pesquisa, tendo cada edição uma sede diferente. Por essa vinculação sua programação é voltada para demandas do ensino do campo museológico, especialmente a graduação e pós-graduação. Ainda que tenham particularidades, geralmente as edições são compostas de conferências, mesas-redondas, sessões de apresentação de trabalhos acadêmicos, lançamento de livros, visitas técnicas, reuniões simultâneas e assembleia anual da Rede. Até o momento ocorreram quatro edições do Seminário, planejados pela Comissão Organizadora Nacional e as Comissões Organizadoras Locais (figura 3): 2014, organizado por integrantes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); 2015, coordenado por funcionários do Museu do Ho-

mem do Nordeste e da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); 2017, realizado por agentes vinculados à Universidade Federal do Pará (UFPA); e 2019, elaborado por equipe da Universidade Federal de Brasília (UnB). A próxima edição será sediada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Figura 3 - Identidade visual das edições do Seminário Brasileiro de Museologia



Fonte: Disponível em: <https://www.redemuseologia.com.br/>
Acesso em 22 jul. 2020

O I Seminário Brasileiro de Museologia ocorreu em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) entre 12 a 14 de novembro de 2014. Nos Anais a criação do evento é justificada por parte da Rede pela carência de eventos e circulação de produção nacional do campo museológico:

É inegável o avanço do campo da Museologia no Brasil, nos processos de formação profissional nos cursos de graduação e na pós-graduação stricto sensu, na ampliação das instâncias públicas oficiais, no corpo normativo legal e na diversificação dos locais de atuação. Apesar desses avanços, constata-se a carência de um fórum permanente, de natureza acadêmica e específico da área, no qual os pesquisadores atuantes nos cursos de formação universitária e nas instituições de pesquisa, pudessem divulgar suas produções científicas, tendo como interlocutores profissionais com interesses convergentes. Assim, a Rede de Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia se mobiliza para propor e apoiar a realização de iniciativas dessa natureza. (SEMINÁRIO, 2014: 5)

A primeira edição do evento foi restrita a autores que já tinham formação completa e os trabalhos eram submetidos na modalidade de comunicação oral. Ao enviar o texto era necessário selecionar o grupo de trabalho que pretendia vincular sua produção, que centraram-se em cinco eixos: Perspectivas Acadêmicas da Museologia; Museus, Museologia e Políticas Públicas; Museologia, Patrimônio e Memória; Processos museológicos: salvaguarda e comunicação; História dos Museus e Coleções.

A programação era direcionada (Quadro I): conferência de abertura, apresentação dos grupos de trabalhos por faixas horárias específicas, ou seja, todos os inscritos assistiram as demais comunicações, conferência de encerramento e Reunião da Rede de Professores de Museologia (SEMINÁRIO, 2014). Ao final do evento foi deliberada maior abertura da Rede para pesquisadores do campo que não atuavam ligados ao ensino universitário, contemplando maior adesão de agentes.

Quadro I - Programação do I Sebramus

| Turno | Dia 12/11/2014 | Dia 13/11/2014 | Dia 14/11/2014 |
|-------|--|---|---|
| Manhã | Credenciamento + Conferência de abertura | GTs Comunicação Oral História dos Museus e coleções | Conferência de Encerramento |
| Tarde | GTs Comunicação Oral Perspectivas acadêmicas da Museologia + Museologia, patrimônio e memória | GTs Comunicação Oral Museus, museologia e políticas públicas + Processos museológicos: salvaguarda e comunicação | Reunião da Rede de professores de Museologia |

Fonte: Adaptado de MUSEOLOGIA & CONSERVAÇÃO, 2014, doc. eletr.

Além dos pesquisadores, a categoria de estudantes de graduação também reivindicou participação no Seminário. Esses agentes reagiram a não possibilidade de enviar trabalhos para o evento, que limitava pela titulação do autor e, como desdobramento, elaboraram a Carta à Comunidade Museológica presente no I Seminário Brasileiro de Museologia - Sebramus na Plenária Final do VII Encontro Nacional de Estudantes de Museologia - Enemu, realizado entre os dias 4 e 8 de novembro de 2014, em Belém. No teor do documento, destaca-se:

[...] Acreditamos que a construção do conhecimento não deva ser pautada pela lógica das titulações e que, antes de tudo, os eventos acadêmicos precisam ser pensados em termos de inclusão, como espaços onde múltiplos e plurais saberes se encontram e dialogam. Esse princípio tem orientado a construção de nossos eventos, que historicamente tem agregado estudantes, professoras/es, pesquisadoras/es, pessoas da comunidade, mestres e mestras de comunidades tradicionais, especialistas nos saberes e fazeres com os quais trabalhamos em nossas experiências e com quem aprendemos e temos compartilhado nossas trajetórias de formação. Ao vetar a participação, na modalidade apresentação de trabalhos, de estudantes de graduação, o Seminário Brasileiro de Museologia alija uma parcela significativa de sujeitos empenhados em pensar e construir fazeres museológicos inovadores e significativos para a sociedade brasileira, em sua diversidade e diferenças. Prova da riqueza e potencialidade da produção discente foram os 55 trabalhos, nas modalidades comunicação oral e pôster, apresentados durante o VII ENEMU, com abordagens teórico-metodológicas diversas e instigantes, partindo de problemáticas e objetos de pesquisa relevantes em seus contextos locais e regionais, o que demonstra um amplo compromisso da comunidade discente em construir reflexões, críticas e ações em prol da transformação das realidades sociais desiguais e excludentes com a qual nos deparamos cotidianamente. Por fim, sugerimos à Rede dos Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia que em próximas edições do SEBRAMUS, seja criado espaço para o compartilhamento das reflexões e ações produzidas por graduandos e pós-graduandos, tendo em vista que isso não beneficia somente o processo de formação da/o discente, mas também visibiliza o trabalho realizado pelos próprios docentes que atuam em instituições universitárias, museus e outros espaços de pesquisa. (EXECUTIVA NACIONAL, 2014, doc. eletr.)

O trabalho de Pierre Bourdieu (1989; 2004) contribui para identificarmos o campo dos museus como um espaço de relações de partilhas, mas também de concorrências - ambas visam fomentar sua autonomia. Essas relações tendem gradativamente a criar um espaço de forças e negociações, movimento diretamente associado às posições que ocupam. A ação dos estudantes em 2014 foi um exemplo de reivindicação por uma regulação da posição e participação desse agente no domínio do campo, e seus desdobramentos já são expressivos na segunda edição do evento.

O II Seminário Brasileiro de Museologia foi organizado no ano subsequente por duas instituições: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Museu do Homem do Nordeste (MHN), articulação que evidencia um desdobramento da ampliação de agentes vinculados à Rede de Professores e Pesquisadores em Museologia, agora já reconhecida com essa denominação. Ocorrido entre os dias 16 a 20 de novembro de 2015 e tendo como sede o Museu do Homem do Nordeste, o evento, que teve por temática central “Pesquisa em Museologia e perspectivas disciplinares” pretendeu, segundo os organizadores:

[...] dar continuidade ao processo de consolidação de um evento acadêmico nacional para a área da Museologia que não possuía, até o momento, um evento regular, de âmbito nacional, que permitisse o escoamento da produção acadêmica da área. Com a expansão dos cursos de graduação em Museologia e o recente surgimento de novos cursos de pós-graduação em Museologia, esta é uma demanda urgente e acreditamos que a realização do II Sebramus em Pernambuco atingiu este objetivo. A temática central do evento foi “Pesquisa em Museologia e perspectivas disciplinares”. Pretendeu-se com esta temática discutir a pesquisa em Museologia, seus aspectos teórico-metodológicos e a prática da pesquisa do campo nas universidades e instituições de pesquisa brasileiras. (SEMINÁRIO, 2015a: 5)

Percebe-se que, entre a primeira e a segunda edição, ocorreu uma amplitude do evento. A primeira percepção é referente aos grupos de trabalho. Abriam-se previamente inscrições para a composição temática e o critério foi que a coordenação fosse centrada em dois professores e/ou pesquisadores de instituições distintas. Essa nova dinâmica ampliou o escopo do evento: se na primeira edição foram cinco eixos, nessa houve 24 inscrições de grupos de trabalho. Após passarem por um comitê científico, 22 grupos de trabalho foram anunciados:

- GT01 - Museologia e História: cruzamentos disciplinares;
- GT02 - Expografia: saberes e práticas das exposições museológicas;
- GT03 - Planejamento Museológico: princípios teóricos e metodologias de trabalho;
- GT04 - Museus, Políticas Públicas e Patrimônio Imaterial: à procura de boas práticas de salvaguarda da (i)materialidade;
- GT05 - Museologia, patrimônio material e imaterial: universos simbólicos na construção da vida cotidiana;
- GT06 - Museu e Museologia na Amazônia: história, teoria e prática;
- GT07 - Museus e Cultura Política;
- GT08 - A Favor dos Museus de Antropologia;
- GT09 - Gestão do Patrimônio Museológico;
- GT10 - Novas Formas de Tratamento da Informação;
- GT11 - Perspectivas contemporâneas em Teoria Museológica;

- GT12 - Museologia e Gênero;
- GT13 - Museu, Memória e Patrimônio das Culturas Negras;
- GT14 - Museologia Social e Educação Integral: aproximações, interlocuções e experiências;
- GT15 - Museologia e patrimônio natural;
- GT16 - Museologia, identidade de gênero e orientação sexual;
- GT17 - Educação em Museus;
- GT18 - Edifícios para pessoas e conhecimento - discutindo função, espaço e forma do museu contemporâneo;
- GT19 - Conservação de Bens Culturais Móveis;
- GT20 - Museologia e trabalho em museus: trajetórias, tendências, modelos, formação e papel social;
- GT21 - História e Memória dos Museus e da Museologia no Brasil;
- GT22 - Abordagens temáticas e construção de discursos curatoriais em exposições museológicas. (SEMINÁRIO..., 2015a, doc. eletr.)

Uma vez aprovados os grupos de trabalho, sua realização demandaria de congregar entre cinco a 15 trabalhos como comunicação oral e até cinco trabalhos em modalidade pôster. Dois grupos de trabalho não atingiram o número mínimo de submissões, fato que ocasionou a não permanência no evento do GT08 - A Favor dos Museus de Antropologia e o GT15 - Museologia e patrimônio natural (SEMINÁRIO, 2015a).

A dinâmica do evento também foi ampliada (quadro 2). Passaram a compor a programação visitas técnicas e lançamento de livros. Para contemplar o tema central da edição duas mesas-redondas foram organizadas: Pesquisa em Museologia: questões teórico-metodológicas e Práticas da pesquisa em Museus e Museologia. A coordenação evento realizou um balanço final da edição:

Houve um grande crescimento do público participante desta edição do Sebramus. No total foram 295 inscritos, que participaram do evento como ouvintes, autores ou co-autores de trabalhos. Registrou-se participação de público de todo o Brasil, estando representados todos os cursos de Museologia existentes no país - graduação (14 no total) e pós-graduação (5 no total) -, bem como dos cursos de pós-graduação em Museologia da Universidade Lusófona de Lisboa. Também houve expressivo público das áreas afins da Museologia, em especial da História. As palestras e mesas-redondas foram transmitidas através do sistema de videoconferência da RNP, pela equipe da Massangana Multimídia (FUNDAJ). O II Sebramus foi um evento de sucesso, capaz de congrega especialistas na temática, agregando pesquisadores experientes, novos pesquisadores, professores e estudantes. A grande quantidade e qualidade dos trabalhos propostos, aceitos a [sic] apresentados é, certamente, um indício do reconhecimento nacional do evento, que ainda está em fase de consolidação. Para o próximo Seminário espera-se manter a representatividade nacional, tanto do ponto de vista da quantidade de participantes quanto das temáticas pesquisadas. Ao mesmo tempo, espera-se ampliar a inserção internacional do evento, pois percebeu-se que já há possibilidade de realizarmos este tipo de intercâmbio acadêmico. (SEMINÁRIO, 2015: 8)

Quadro 2 - Programação do II Sebramus⁵

| Turno | 16/11/2015 | 17/11/2015 | 18/11/2015 | 19/11/2015 | 20/11/2015 |
|-----------------|---|---|--|---|---------------------|
| Manhã | Credenciamento GTs - Comunicação Oral | GTs - Comunicação Oral | GTs - Comunicação Oral | GTs - Comunicação Oral | Visitas Técnicas |
| Tarde/ Noite | GTs - Comunicação Oral + Café com conversa + Mesa de Abertura + Apresentação Cultural | GTs - Comunicação Oral + Café com conversa + Mesa-redonda 1 Pesquisa em Museologia: questões teórico- metodológicas | GTs - Comunicação Oral + Café com conversa + Mesa-redonda 2 Práticas da pesquisa em Museus e Museologia | Pôsteres + Assembleia da Rede de Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia + Lançamento de livros, confraternização e apresentação musical | |

Fonte: Adaptado de FUNDAÇÃO, 2015, doc. eletr.

Cabe ao segundo evento um destaque: esta edição ampliou a participação acadêmica aos graduandos, ou seja, estes não se limitavam mais à condição de ouvintes, mas também de apresentadores de pesquisas, especialmente em modalidade de pôster. A organização avaliou que essa modalidade teve uma maior ausência de autores durante o evento, sinalizando como possível motivador os custos de locomoção, demanda difícil de ser suprida por parte dos estudantes de graduação. Identificam-se nesse gesto, os efeitos da Carta à Comunidade Museológica assinada pela Executiva Nacional dos Estudantes de Museologia (2014), com uma nova partilha entre os agentes da produção científica. Reitera-se, ainda, que a segunda edição passou a fazer uso da rede social Facebook exclusivamente para informativos do evento. A página eletrônica disponibilizou transmissões online das mesas-redondas e assembleia da Rede. Ao acessar a página de transmissão ao vivo há a informação de que ocorreram 2.404 acessos no decorrer da programação (SEMINÁRIO, 2015a), dado significativo uma vez que nos Anais, o balanço informa que foram 295 inscritos, ou seja, parte do evento foi assistida oito vezes mais da forma online do que presencial - os deslocamentos geográficos, que muitas vezes inviabilizam a participação - passou a ser um fator suprido pelo acesso virtual.

O III Seminário Brasileiro de Museologia foi realizado por integrantes da Rede vinculados à Universidade Federal do Pará (UFPA), ocorrendo em Belém no período de 20 a 24 de novembro de 2017, ou seja, inicia a periodicidade bianual. O tema central da edição foi intitulado “Museologia e suas interfaces críticas: Museu, Sociedade e os Patrimônios”. Interessante observar na apresentação dos Anais da edição uma abordagem de caráter científico sobre a Museologia, adotando conceitos de um vocabulário próprio do campo, bem como o destaque de características de sua abordagem:

A Museologia é considerada uma ciência desde a segunda metade do século 20, que tem como objeto de estudo a Musealidade, tendo se ocupado, dentre outras perspectivas de estudos, às suas interfaces críticas com o próprio Patrimônio e seus múltiplos processos de patrimonialização e de musealização. Outra abordagem

5 Conferencistas/ palestrantes do II Sebramus: Mesa 1 - Judite Primo (ULHT), Zita Possamai (UFRGS), Bruno Brulon Soares (UNIRIO); Mesa 2 - Marcelo Cunha (UFBA), Rosângela Brito (UFPA), Camila Moraes (UFG).
ISSN 2238-5436

da Museologia versa sobre as ações específicas do homem ante os objetos e seus valores conceituais, que ao se tornar musealizados, estabelecem “relação mediadora entre homem e patrimônio”, constituindo assim o objeto de estudo da Museologia. Do mesmo modo, o fazer museológico é também notadamente interdisciplinar, o que demanda muitas vezes a participação de estudiosos e profissionais de áreas diversas. Estas compreensões da Museologia abrem-nos os olhos para a dimensão social, política e crítica desta ciência, e nestas perspectivas, a Museologia lança mão de metodologias diversas, das ciências humanas, sociais, exatas e biológicas e da Filosofia, podendo assim ser destacado seu caráter interdisciplinar e de apropriação de outros campos disciplinares de conhecimento e saberes. Refletir e discutir as relações entre museu, sociedades e os patrimônios, nestas perspectivas críticas e reflexivas, cruzando olhares internos ao campo e em diálogo com outros campos disciplinares, é a proposta do 3º Sebramus [...]. (SEMINÁRIO, 2017a: 3)

A dinâmica do evento não é explicitada no material produzido posteriormente à edição. Porém, buscando registros de sua realização identifica-se a menção de uma vasta programação, composta por mesas-redondas, conferências, exibição de filmes, fóruns e grupos de trabalho. O site oficial do evento encontra-se desativado. Nas redes sociais é possível mapear os indícios da adoção de novas estratégias de memória por meio da produção de registros visuais e/ou audiovisuais. Na página oficial do III SEBRAMUS no Facebook encontram-se fotos em 360°, vídeos do andamento do evento e entrevistas realizadas com integrantes da Rede, ampliando o uso do recurso em relação à edição anterior. Neste endereço eletrônico há o link de uma matéria da Universidade Federal do Pará, publicado no dia 14 de novembro de 2017, ou seja, três dias antecedendo o evento, que contribuiu para mapear a dinâmica da edição (quadro 3), reforçando que ainda há a menção de uma programação cultural ao longo dos dias:

Quadro 3 - Programação do III SEBRAMUS⁶

| Turno | Dia 20/11/2017 | Dia 21/11/2017 | Dia 22/11/2017 | Dia 23/11/2017 | Dia 24/11/2017 |
|-----------------|--|---|--|---|--|
| Manhã | Credenciamento | Credenciamento GTs - Comunicação Oral | Credenciamento GTs - Comunicação Oral | Credenciamento GTs - Comunicação Oral | Fóruns + Minicurso + Roda de con- versa + Oficina |
| Tarde/ Noite | Conferência Abertura + Lançamento de livros + Pôsteres | Mesas temáticas 1) Pesquisas em Museus e Museologia 2) Museus, Museologia e Patrimônio: Questões Pós e Decoloniais + Pôsteres | Mesas temáticas 3) Museus, Diversidade e Representatividade 4) Cultura, arte e memória LGBT nos museus: ressonâncias do episódio QUEERMUSEU + Pôsteres | Mesa temática 5) Curadoria, Mediação e Estudo de Público: Perspectivas Críticas + Assembleia + Festa de encerramento | |

Fonte: Adaptado de UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2017 doc. eletr.

6 Conferencistas/ palestrantes do III Sebramus: Conferência de Abertura intitulada “Museus e Museologia no Portugal Contemporâneo - Uma Panorâmica”, proferida por João Brigola (Universidade de Évora); Mesa 1 - Carmen Silva (UFPA), Sidélia Teixeira (UFBA), Áurea Pinheiro (UFPI) e João Brigola (Universidade de Évora); Mesa 2 - Alexandre de Jesus (UFPE), Luciana Souza (UNIRIO), Jerônimo Silva (Unifesspa); Mesa 3 - Joseania Miranda (UFBA), Alexandre Gomes (UFPE) e Marcelle Pereira (UNIR); Mesa 4 - Felipe Areda (Instituto Cultura, Arte e Memória LGBT), Ernani Chaves (UFPA) e Jean Baptista (UFG); Mesa 5 - Caroline Ruoso (UFMG), Gleyce Kelly Heitor (UFG) e Marília Xavier Cury (USP).

A programação do evento confirmou-se no folder de divulgação, digitalizado e disponibilizado na página oficial do III Sebramus no Facebook. Destaca-se que nesta edição entrevistas foram realizadas e compartilhadas no canal do Youtube Projeto Sala de Arte e Ensaio (PROJETO, s.d.). Não há descrição sobre o canal, que possui vídeos anteriores, mas no que se refere ao III Sebramus ressaltamos que ao aproximar os dados do quadro 3 com a relação de postagens identifica-se que as cinco entrevistas se referem às temáticas das cinco mesas organizadas. O canal possui até o momento da escrita desse artigo 15 inscrições, mas 1.440 visualizações (SEMINÁRIO, 2015b).

Nessa edição também não há especificações nos Anais da formulação dos grupos de trabalho, embora se mantenha um padrão do evento a proposição de temas geradores a partir da colaboração de dois ou mais integrantes da Rede vinculados a distintas instituições, dinâmica adotada no II Sebramus. A edição contou com uma quantidade de grupos de trabalho menor do que a edição anterior, a saber:

- GT 1 - História das coleções e dos processos museológicos nas eras moderna e contemporânea
- GT 2 - Museu, museologia e educação museal: práticas, poéticas e políticas decoloniais
- GT 3 - A favor dos museus comunitários: reflexões e prática
- GT 4 - Conservação de bens culturais móveis
- GT 5 - Museologia e patrimônio: discussões sobre as relações de preservação pelas chaves da colonialidade ou do pós colonialismo - museus e cultura política
- GT 6 - Coleções e museus universitários
- GT 7 - Museologia, museus e gênero
- GT 8 - Patrimônio, educação e museus
- GT 9 - Museologia e patrimônio em espaços expandidos - Entre cenas e narrativas: o uso de novas tecnologias na comunicação museal
- GT 10 - História e memória dos museus e da Museologia no Brasil - Museologia e trabalho em museus: trajetórias, tendências, modelos, formação e papel social
- GT 11 - Museus e patrimônio cultural universitários: discutindo conceitos e promovendo parcerias e articulações
- GT 12 - Interseções entre Museologia e arte contemporânea
- GT 13 - Patrimônio e Memória da alteridade em coleções museológicas de arte e cultura populares
- GT 14 - Museu, Memória e Patrimônio das culturas negras
- GT 15 - Educação e mediação cultural em Museus (SEMINÁRIO, 2017a: 5)

Ainda assim é expressivo o número de grupos de trabalho se compararmos com a primeira edição do evento, realizada três anos antes, com cinco eixos temáticos. Nos registros visuais da página do III Sebramus no Facebook há a confirmação de sessões de pôsteres (figura 4). É a primeira edição que identificamos um uso estratégico de fotografias - intitulado Pessoas e Momentos - para divulgação do evento.

Figura 4 - Apresentação Pôsteres no III Sebramus



Fonte: SEMINÁRIO, 2017b, doc. eletr.

Um último destaque referente ao III Sebramus é a produção de um e-book derivado da edição, publicado em 2019. Intitulado “Museologia e suas interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios” está descrito na Introdução do documento a intenção de se produzir um registro que evidencie as discussões que foram apresentadas na edição realizada em Belém:

Dessa forma, convidamos os coordenadores de Grupos de Trabalho e os expositores das Mesas Redondas a desenvolverem textos que revelassem a importância dos temas propostos para o campo, sinalizando possibilidades metodológicas, diálogos interdisciplinares e abordagens conceituais. São essas contribuições e reflexões delineadas e debatidas no evento que apresentamos nesta publicação. Um conjunto de 13 textos, distribuídos segundo uma sequência lógica, porém não seccionada, mas que apresentam proximidade temática e que englobam reflexões em torno da Museologia e do Patrimônio. Trabalhos decorrentes de análises ricas e experiências institucionais e de pesquisa de todas as regiões do país, compondo um interessante panorama da produção acadêmica da área. Textos que atravessam temáticas como Expografia, Curadoria, Museus Universitários, Gênero, Diversidade Sexual, Pós e De-colonialidades, Cultura Política, Conservação de bens culturais, que aqui reunidos demonstram o amplo espectro que o campo comporta. (MUSEOLOGIA, 2019: 4-5)

Identifica-se, nesse gesto, um movimento de validação de determinados agentes do campo - que no evento assumiram o papel de organizadores de grupos de trabalho - como autoridades em pesquisas de temas determinados em suas proposições. E, por meio dessa produção, a apropriação de formas tangíveis de reconhecimento, como as publicações, fomentando a noção de credibilidade (HAYASHI; FERREIRA JÚNIOR, 2010) do campo museológico enquanto produtor de conhecimento científico.

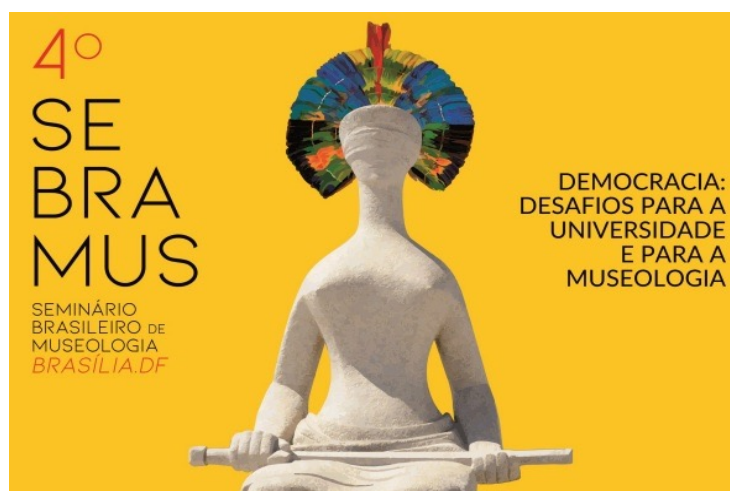
A edição seguinte do Seminário Brasileiro de Museologia ocorreu na Universidade de Brasília (UNB), entre 29 de julho a 1 de agosto de 2019, sob o tema central Democracia: desafios para a universidade e para a Museologia. Para estimular o debate os organizadores retomaram questionamentos da museóloga Waldisa Rússio, elaborados há exatos trinta anos do evento: “Continuam, os profissionais de museus, falando apenas de si mesmos e para si mesmos? Que reconhecimento têm eles da sociedade? No universo de trabalhadores, como nos situamos e agimos?” (RÚSSIO, 1989 apud SEMINÁRIO, 2019a, p.13). Nessa direção os organizadores reiteraram que muito do que supostamente é considerado pela democracia brasileira e latino-americana como conquistas consolidadas passam mais uma vez a estar sob ameaça devido a polarização política, intolerância e a precarização dos direitos sociais (Idem, 2019).

Reforça-se que em 2019, Jair Bolsonaro, ao iniciar seu mandato presidencial anunciou a extinção do Ministério da Cultura (MinC) sendo em um primeiro momento suas atribuições incorporadas ao recém-criado Ministério da Cidadania. Em novembro do mesmo ano a Secretaria Especial da Cultura foi transferida para a pasta do Ministério do Turismo. O campo museológico estava em militância e um encontro como IV Sebramus era oportunidade de resistências:

Se por um lado essas experiências [refere-se, por exemplo, a conquistas como a Política Nacional de Museus] impactaram o ensino e a pesquisa contemporânea, em outra perspectiva também são profundamente impactadas por uma nova dinâmica de governabilidade, de reformas políticas e de transformações na agenda das políticas culturais em âmbito nacional e internacional. Entre deslocamentos simbólicos e fluxos migratórios, evidencia-se uma crise na democracia representativa com fortes consequências na política da memória, caracterizada por fenômenos transnacionais de opressão, pelo crescimento de grupos ultraconservadores e pelo silenciamento dos espaços de expressão da diferença. [...] Sem dúvida, surgem desafios para a Universidade, para a Museologia e para os museus: Quais os compromissos da Museologia na atual conjuntura política? Que alterações têm ocasionado na ação do museólogo? Em que medida as transformações na esfera pública evidenciam perspectivas de compreensão de nosso objeto do conhecimento? Quais as novas demandas por musealização, acessibilidade, educação museal e representatividade? Em que medida os professores e pesquisadores do campo da Museologia têm contribuído ou desestimulado estratégias de integração, reflexões sobre a pluralidade da representação e os debates sobre a ampliação/restricção dos espaços democráticos? (SEMINÁRIO, 2019a, p.14-15)

No ensejo dos debates sobre militância, democracia e resistência destaca-se que o IV Sebramus foi a primeira edição que apresentou uma maior apropriação e ressignificação da identidade visual do evento (figura 5), tendo inclusive uma seção nos Anais para explicitar a escolha realizada. Mantendo as cores das edições anteriores (figura 3) utilizaram a intervenção elaborada em 1996 pelo artista visual Bené Fonteles na escultura “A Justiça” de Alfredo Ceschiatti como figura inspiradora:

Figura 5 - Identidade visual IV Sebramus



Fonte: SEMINÁRIO, 2019a, p.17

Numa coalizção entre ato poético e ativismo, a intervenção tornou-se um efêmero momento de encontro entre a história de Brasília, sua configuração social e política, com a extensa luta de minorias oprimidas. [...] Tal gesto “mitopoético”, que surge como o encontro e o conflito entre culturas, serve-nos como inspiração para a identidade visual do IV SEBRAMUS. Inspiração que busca relembrar o longo processo de resistência e de reafirmação dos valores democráticos; de visibilizar as reconfigurações de memórias silenciadas e de subjetividades reprimidas. (SEMINÁRIO, 2019a: 8)

O texto de referência da edição, bem como a identidade visual adotada, deu o tom político das conferências e mesas organizadas (quadro 4).

Quadro 4 - Programação do IV Sebramus⁷

| Turno | 29/07/2019 | 30/07/2019 | 31/07/2019 | 01/08/2019 |
|-------|--|---|---|--|
| Manhã | Credenciamento | Credenciamento GTs - Comunicação Oral | GTs - Comunicação Oral | GTs - Comunicação Oral |
| Tarde | Reunião do Icom Brasil - Museus Universitários + Reunião da Rede LGBT de Memória e Museologia Social + Mesa 1 - Formação em Museologia no Brasil e conquistas da sociedade democrática | Fórum de Pós-Graduação em Museologia + Mesa 2 - Museologia, Patrimônio e Resistência | Assembleia da Rede de Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia + Encontro da Rede de Educadores em Museus do Brasil + Mesa 3 - Cibernuseologia, Direitos Humanos e Democracia | Conferência de Encerramento - Democracia, pensamento crítico e Cibernuseologia |
| Noite | Conferência de Abertura - Democracia e Direitos Humanos: desafios para a Museologia e museu | Conferência 2 A arena museológica como campo de investigação para uma antropologia política | Conferência 3 Museus e coleções universitárias: patrimônio da criatividade e liberdade | |

Fonte: Adaptado de SEMINÁRIO, 2019a, doc.eletr.

Cabe destacar que quinze eixos temáticos foram abordados em grupos de trabalho e, diferente das edições anteriores, nos Anais há o resumo de cada grupo com seus respectivos proponentes, o que favorece a posterior caracterização dos assuntos transversais às comunicações e pôsteres apresentados. Os títulos foram:

GT1 Experiências de Curadorias Museológicas: desafios de conceitualização e consolidação nos espaços institucionais

GT2 Ensino de Museologia e as perspectivas democráticas e participativas

GT3 Museus e Cultura Política

GT4 Museus, Gênero e Sexualidade

7 Conferencistas/ palestrantes do IV Sebramus: Mesa 1 - Ivan Coelho de Sá (UniRio), Maria Célia Teixeira de Moura Santos (UFBA) e Maria Cristina Bruno (USP); Conferência de Abertura - Kátia Regina Felipini Neves (ULHT); Mesa 2 - Ana María Sosa González (UFPel), Dra. Diana Bogado Correa da Silva (Museu das Remoções; Universidade de Coimbra) e Suzenilson da Silva Santos - Nalson Kanindé (UNILAB; Museu Indígena Kanindé); Conferência 2 - Aramis Luís Silva (UNIFESP); Mesa 3 - Charles Douglas Martins (UFPE); José Cláudio Alves de Oliveira (UFBA); José Murilo Costa Carvalho Júnior (Ibram); Conferência 3 - Marta Catarino Lourenço (Universidade de Lisboa); Conferência de Encerramento - Anna Leshchenko (Universidade Estadual da Rússia para as Humanidades).

- GT5 Museologia, Patrimônio e Tecnologia em espaços expandidos
- GT6 Conservação de bens culturais e a participação social
- GT7 Arquitetura de Museus: perspectivas e desafios para sua democratização
- GT8 Memória, Patrimônio e processos museológicos comunitários entre povos indígenas nas Américas
- GT9 Museologia Social e Direitos Humanos
- GT10 Patrimônio e Memória da alteridade em coleções museológicas de arte e cultura populares
- GT11 História e Memória dos Museus e da Museologia no Brasil
- GT12 Perspectivas contemporâneas em Teoria Museológica
- GT13 Educação e Comunicação em tempo de trânsito: transformações e impactos sociais
- GT14 Corpos femininos negros: representação nos espaços de memória
- GT15 Museologia e Arte em diálogo: articulações necessárias em tempos de fragmentação (SEMINÁRIO, 2019a: 5-6)

Em relação às mídias e disponibilização do conteúdo gerado no evento, duas estratégias adotadas oportunizam posterior acesso: playlist com sete filmagens do IV Sebramus no canal FCI - Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília no Youtube, propiciando assistir posteriormente as conferências e mesas. Até a escrita deste artigo os vídeos estavam entre 44 e 175 visualizações, totalizando 248 acessos (SEMINÁRIO, 2019b). Outro recurso foi o desenvolvimento de um repositório virtual organizado pelo Curso de Museologia da Universidade de Brasília e pelo Projeto Museologia Virtual, em parceria com a Rede de Professores e Pesquisadores em Museologia, para congrega a produção dos quatro primeiros Seminários Brasileiros de Museologia (SEMINÁRIO, 2019c). Esse é considerado um importante movimento para a memória do evento e da disseminação da produção científica do campo museológico brasileiro. O Facebook não foi uma mídia utilizada como nas duas edições anteriores.

O V Sebramus estava planejado para ocorrer em 2021 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porém, com a pandemia da Covid-19 e a aplicação de medidas sociais de proteção como a quarentena, o distanciamento social e o isolamento em âmbito mundial, a próxima edição encontra-se suspensa. Para estimular o contato e troca entre os agentes do campo a atual coordenação da Rede de Professores e Pesquisadores em Museologia organizou entre os dias 25, 26 e 27 de novembro de 2020 um encontro virtual, realizado no canal da Rede no Youtube. Na abertura do evento aconteceu a Conferência sobre O Grupo de Trabalho da Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e os desafios dos Museus Universitários e debates nos dias subsequentes com a palestra 1 - O cenário dos cursos de Graduação em Museologia no Brasil e palestra 2 - Perspectivas na Pós-Graduação em Museologia.⁸ Até o momento da escrita do artigo os vídeos tinham 185, 208 e 312 acessos respectivamente, dados que sinalizam uma adesão dos integrantes do campo (ENCONTRO, 2020).

8 Conferencistas/ palestrantes do encontro virtual da Rede: Conferência - Sandra Goulart (UFMG); Palestra 1 - Anna Paula da Silva (UFBA); Palestra 2 - Edson Fernando D'Almonte (CAPES).

Na próxima seção, pretende-se fazer um primeiro exercício analítico das comunicações e pôsteres acadêmicos apresentados nas quatro primeiras edições do Sebramus, considerando as temáticas dos grupos de trabalhos e as palavras-chave que integram os resumos dos textos publicados como ponto de partida de possíveis reflexões sobre a produção científica do campo museológico brasileiro.

As publicações do Seminário Brasileiro de Museologia: um primeiro exercício a partir da produção acadêmica do campo

Nas seções anteriores foi traçada a trajetória do Seminário Brasileiro de Museologia a fim de observar de que modo sua constituição, organização e realização o tem consolidado como um dos principais eventos nacionais na promoção de trocas acadêmicas entre os pares, engajamento estratégico para a disseminação de um conhecimento específico que legitima o campo museológico. Em um intervalo de sete anos - que compreende as quatro primeiras edições - há valores expressivos para uma análise fundamentada em seus Anais: ao todo foram 57 grupos de trabalho temáticos que resultaram na publicação de 628 trabalhos, contando comunicações orais e pôsteres. Esse número pode ser ainda maior tendo em vista que somente nos Anais do II Sebramus os pôsteres foram explicitamente inseridos no documento final do evento. Além disso, houve mais comunicações e pôsteres inscritos e apresentados que esse valor numérico, que se refere a textos que compõem os Anais. Assim, reitera-se que o estudo se baseia na sistematização da produção publicada.

Esse vasto conteúdo permite inúmeras interpretações: por edição, grupo de trabalho, vinculações institucionais, objetos de estudo e autorias. Aqui, reforçamos o incentivo para tais investigações. Sendo esse exercício uma primeira aproximação com a produção, pretende-se lançar algumas análises panorâmicas que ajudem a caracterizar o evento e sua contribuição na Museologia brasileira.

Pretende-se tecer considerações a partir de dois aspectos: pelas temáticas transversais dos grupos de trabalho (GT's) e os termos de indexação selecionados pelas autorias das publicações. Apresentados na seção anterior, retomamos aqui alguns dados que servirão para o exercício: o I Sebramus (2014) teve 5 GT's (totalizando 76 publicações - concentração de 125 palavras-chave); no II Sebramus (2015) foram organizados 20 GT's (com 181 publicações - 550 palavras-chave); o III Sebramus (2017) contou com 15 GT's (resultando em 146 publicações - 583 palavras-chave); e o IV Sebramus (2019) foi composto por também 15 GT's (com a produção de 225 publicações - 838 palavras-chave).

Quando as temáticas dos grupos de trabalho são aproximadas, algumas considerações sobre sua dinâmica chamam a atenção. Ao longo das edições se estabeleceu como característica do evento a submissão de temas proponentes para debate, formulados por dois ou mais agentes do campo oriundos de instituições distintas. Uma Comissão Científica designada analisou o teor das propostas e suas favoráveis aprovações. Ainda que homologados houve grupos de trabalho que não se constituíram pela baixa adesão dos participantes da edição.

Dos 57 grupos de trabalho observou-se, tendo a recorrência de terminologias como elemento balizador, que somente um tema teve permanência ao longo das quatro edições: *história dos museus*, no primeiro momento articulado com a história das coleções e, posteriormente, com a história da Museologia.

Ainda assim, sua denominação varia ao longo dos anos: GT5 - História dos Museus e Coleções (2014); GT21 - História e Memória dos Museus e da Museologia no Brasil (2015); GT10 - História e memória dos museus e da Museologia no Brasil [...] (2017); GT11 - História e Memória dos Museus e da Museologia no Brasil (2019). Não serão detalhados os trabalhos completos produzidos, mas salientamos que nessa temática é possível identificar a participação de um grupo recorrente de autores, ainda que não tenham participado de todas as edições, e que suas publicações permitem acompanhar o avanço dos resultados de suas investigações de médio/ longo prazo.

Embora somente um tema esteja presente em todas as quatro edições do Seminário, há de se fazer a menção que algumas temáticas se fortaleceram no decorrer dos eventos, ainda que haja termos diferentes associados ao título do grupo de trabalho a cada realização. Exemplo é a temática Museologia e Gênero, ocorrida nas últimas três edições, com a denominação GT12 - Museologia e Gênero (2015); GT7 - Museologia, Museus e Gênero (2017); GT4 - Museus, Gênero e Sexualidade (2019).

Da dinâmica instituída pelo evento para a formulação dos grupos de trabalho identificamos duas questões: a primeira, de relevância positiva, é que a proposição das temáticas de estudo por inscrição acaba por caracterizar o evento como sincrônico aos debates da época, ou seja, o Sebramus tem uma especificidade contemporânea ao não se organizar fundamentalmente por grandes áreas da Museologia, mas por temáticas de interesse do campo. Grupos de trabalho intitulados como Museologia, Patrimônio e Tecnologia em espaços expandidos, e Corpos femininos negros: representação nos espaços de memória exemplificam a abordagem de uma Museologia contemporânea, temas demandados muitas vezes por proponentes que pesquisam tais abordagens. É interessante observar essa intenção inclusive na formulação de grupos de trabalho que tiveram por norteamento áreas que fundamentam a função dos museus, como as ações de educação e comunicação, proposta que se complexifica e reduz sua margem de análise em títulos como Educação e Comunicação em tempo de trânsito: transformações e impactos sociais.

Porém, há de se considerar nessa dinâmica a aparente sobreposição de grupos de trabalho, talvez por muitos Anais não contemplarem a descrição de seus objetivos e, assim, termos acesso somente aos seus títulos. Mas, ainda que interpretativo, é observado que assuntos centrais / grandes áreas são enfoques de mais de uma temática proposta, com pouca variação na formulação do título. Exemplificando o que ocorreu no II Sebramus com os GT12 - Museologia e Gênero; e GT16 - Museologia, identidade de gênero e orientação sexual, com formulações aparentemente muito próximas, ou no III Sebramus, quando um tema foi distribuído em vários grupos de trabalho, a exemplo do tema educação com os GT 2 - Museu, Museologia e educação museal: práticas, poéticas e políticas decoloniais; GT 8 - Patrimônio, educação e museus; e GT 15 - Educação e mediação cultural em Museus. Esse alastramento pode prejudicar a escolha do grupo de trabalho pelos participantes, pois o recorte particularizado dos proponentes torna-se elemento central na opção dos inscritos no evento quando estes possuem uma temática transversal similar.

Dos 628 trabalhos publicados, as três palavras-chave mais usuais foram: Museologia (98), Museu (85) e Museus (57). O interessante é que, ao mapear os 2.096 termos de indexação publicados nas quatro edições, observamos que após os três primeiros termos citados as grandes áreas de estudo do campo

museológico aparecem com recorrência ao longo dos eventos, tais como educação (28) ou o derivado educação em museus (6), expografia (9) ou exposição (18), comunicação (11) ou comunicação museológica (6). Esse é um dado interessante, pois percebe-se que nas filiações aos grupos de trabalho - que se caracterizam por abordagens contemporâneas - há um exercício de demarcar o recorte temático das pesquisas pelas grandes áreas de investigação da Museologia ou a função básica dos museus.

Removendo da análise as já citadas três primeiras palavras-chave mais recorrentes - Museologia, Museu e Museus, termos que demarcam o campo - os próximos mais citados foram: I Sebramus = musealização (6); II Sebramus = patrimônio cultural (12); III Sebramus = patrimônio (24), inclusive antecedendo os três termos mais citados; IV Sebramus = musealização (24). Cabe destaque a palavra-chave musealização, que só não foi um termo regular na segunda edição - por ter sido associado a outras palavras formando expressões que diminuíram sua recorrência (exemplo Musealização da Arqueologia e Musealização em Revista). Cabe no futuro um estudo do termo a fim de analisar se sua aplicação se vincula a abordagens da teoria museológica, ou se tornou um termo ressignificado para múltiplas aplicações.

Dos termos citados somente uma vez por edição destacam-se palavras-chave que apresentam objetos de estudos regionais (ex. Amazônia guianense; Amazônia Paraense) - o que reforça a importância do evento ser organizado em diferentes regiões do país uma vez que oportuniza maior participação de agentes da cidade-sede; mas também a escolha de termos que dificilmente favorecem a posterior busca do trabalho escrito em repositórios (ex. conexões, afetivo, projeção). Cabe reforçar que palavras-chave são o principal instrumento de uma pesquisa, ou seja, sua seleção deve ser estratégica para fins de recuperação da informação nos motores de busca.

Os termos de indexação evidenciam uma característica que marca o campo museológico: sua pluralidade. O Sebramus, nessa perspectiva, contribui para reforçar a produção contemporânea da Museologia e estudá-lo ao longo de suas edições torna-se uma oportunidade de acompanhar o amadurecimento de debates, a entrada de novas tendências e a circulação de um conhecimento que reforça a importância do investimento científico no campo - na graduação, pós-graduação, em experiências profissionais. Podemos afirmar que hoje o Seminário Brasileiro de Museologia é um evento significativo para o fortalecimento do campo museológico brasileiro, da América Latina e mundial.

Considerações Finais

O campo científico é produto direto da atuação de seus agentes. Sua organização demanda uma ação compartilhada, negociada constantemente. Sendo um campo relacional, é marcado por participação nas regras, na partilha dos objetos e na disputa por interesses (SIMIONE; MATOS, 2017). As trocas entre os pares é um mecanismo fundamental para a produção de autoridade científica (ocorridas no âmago do campo e em suas interseções). Os eventos acadêmicos são estratégias de conservação e/ou de subversão do próprio campo.

No campo museológico brasileiro havia um hiato na organização de um evento de abrangência nacional que tratasse de temas da Museologia, organizado por uma representação diversa de agentes que atuam diretamente com pesquisas científicas. Esse papel foi assumido pelos integrantes da Rede de Pro-

fessores e Pesquisadores em Museologia e originou o Seminário Brasileiro de Museus.

Ao longo das quatro edições realizadas as programações revelam dois grandes enfoques: a produção do conhecimento (com a seleção de debates hodiernos), e a legitimação do campo (com ênfase no ensino: seja na graduação, com trocas sobre currículo dos cursos; ou na pós-graduação, com a demarcação da Museologia na Área de Conhecimento (Área Básica) - nesse caso vinculada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) à Comunicação e Informação).

Sendo um evento acadêmico, os grupos de trabalho ganham destaque na programação. Essa característica é comprovada quando observa-se que o IV Sebramus publicou três vezes mais pesquisas do que o I Sebramus. Esse é um dado que evidencia o processo de configuração ascendente dos estudos da Museologia no Brasil, marcado por uma multiplicação de cursos de graduação e pós-graduações a partir dos anos 2000. Quase duas décadas após o lançamento da Política Nacional de Museus observamos os desdobramentos de alguns de seus enfoques, como os pontos voltados para Democratização e acesso aos bens culturais e Formação e capacitação de recursos humanos (BRASIL, 2003).

A realização do Seminário Brasileiro de Museologia oportunizou o acesso a 628 publicações, distribuídas em 57 grupos de trabalho temáticos. As estratégias de difusão do conhecimento se aprimoraram a cada edição: Anais em versão digital, livros derivados dos debates, repositório digital concentrando a informação produzida. Esses recursos são estratégicos para a circulação e popularização da produção acadêmica especializada. Nessa perspectiva, é reforçada a importância da escolha dos termos de indexação para identificação do conteúdo de um trabalho científico. Uma primeira aproximação das palavras-chave selecionadas pelos autores revela que muitos termos não estavam contidos nos títulos ou mesmo no resumo destes artigos, ocorrência que influencia a difusão e transmissão do conhecimento gerado e compartilhado.

Os eventos cumprem um importante papel na comunicação científica. Entre os agentes, é uma oportunidade de atualização ao se inteirar do que os demais cientistas estão produzindo e, concomitantemente, apresentar o que se está pesquisando aos pares - proporcionando trocas colaborativas e novas redes de conhecimento. Esse intercâmbio reforça a comunidade científica. A imersão realizada, ainda que seja uma primeira aproximação, permite afirmar que o Seminário Brasileiro de Museologia fomenta o espaço de relações do campo museológico brasileiro: tornou-se ao longo das edições um instrumento de autorregulação do aperfeiçoamento do campo, fomentando a produção e o uso do conhecimento científico. Acompanhar sua trajetória é mais do que rastrear interesses temáticos, é acompanhar um projeto político de autonomia do campo museológico - por via da legitimação do conhecimento e da educação - protagonizado pelos agentes brasileiros.

Referências

BISERRA, Natália de Figueirêdo. *Memória da Associação Brasileira de Museologia (1963-1985): contribuições para a institucionalização de um campo de atuação profissional*, 2017, 165p. Dissertação (Mestrado) -Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO e do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, Rio de

Janeiro, 2017. Disponível em: http://www.unirio.br/ppg-pmus/natalia_figueiredo_biserra.pdf Acesso em: 15 jul. 2020.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. 361p.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989. 313p.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século, 2003. 288p.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004. 86p.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. *Política Nacional de Museus - Memória e cidadania*. Brasília, DF: MinC, 2003. 17p. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/02/politica_nacional_museus_2.pdf. Acesso em: 15 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. *Política Nacional de Museus - Relatório de gestão 2003-2010*. Brasília, DF: MinC/IBRAM, 2010. 201p. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/Relatorio-de-Gestao-2003_2010.pdf. Acesso em: 15 jul. 2020.

BRULON, Bruno. Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno. *Anais do Museu Paulista*, v.25, n.1, São Paulo, p.403-425, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/anaismp/v25n1/1982-0267-anaismp-25-01-00403.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da Museologia. *Anais do Museu Paulista*, v.12, n.1, São Paulo, p.237-268, jan./dec. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/anaismp/v12n1/19.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

COMITÊ NACIONAL DO ICOM. *Regimento*. Congresso Nacional de Museus, I., 195[6?]b. 2fls.

COMITÊ NACIONAL DO ICOM. *Temário*. Congresso Nacional de Museus, I., 195[6?]a. 4fls.

ENCONTRO DA REDE DE PROFESSORES E PESQUISADORES, 25 a 27 nov. 2020. Evento online. 3 vídeos (4h 37 min) Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCXZuLIAXyV3tIFUyv_QRsKA/videos. Acesso em 15 jan. 2021.

EXECUTIVA NACIONAL DE ESTUDANTES DE MUSEOLOGIA. Carta à Comunidade Museológica presente no I Seminário Nacional de Museologia - SEBRAMUS. In: Encontro Nacional de Estudantes de Museologia, 7., 2014, Belém. Disponível em: <https://executivanacionalmuseologia.wordpress.com/2014/11/30/carta-a-comunidade-museologica-presente-no-i-seminario-brasileiro-de-museologia-sebramus/> Acesso em 23 jul. 2020.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. *Educar no museu: o Museu Histórico Nacional e a educação no campo dos museus (1932-1958)*, 2017, 292p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/158339>. Acesso em: 15 jul. 2020.

FERNANDES, Neusa. *A ABM e a regulamentação da profissão museólogo*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2014. 92p. [Coleção Memória e Preservação da Museologia no Brasil: História].

FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS, I., 2004. A imaginação museal: os caminhos os caminhos da democracia - Relatório. Brasília, DF: MinC/IPHAN/DEMU, 2004, 96p. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/Relatorio-I-FNM-20041.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2020.

FÓRUM NACIONAL DE MUSEUS, 7., 2017, Porto Alegre. Sobre o 7º Fórum Nacional de Museus: Recomendação UNESCO: Caminhos para museus e coleções. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://fnm.museus.gov.br/sobre-o-6o-fnm/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. Imprensa. Fundação Joaquim Nabuco recebe o II Seminário Brasileiro de Museologia. Recife, 2015. Disponível em: <https://www.fundaj.gov.br/index.php/area-de-imprensa/3611-fundacao-joaquim-nabuco-recebe-o-ii-seminario-brasileiro-de-museologia>. Acesso em: 15 dez. 2019.

HAYASHI, Carlos Roberto Massao; FERREIRA JÚNIOR, Amarílio. O campo da História da Educação no Brasil: um estudo baseado nos grupos de pesquisa. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 15, n.3, p.167-184, nov. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v15n3/09.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2020.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; GUIMARÃES, Vera Aparecida Lui. A comunicação da ciência em eventos científicos na visão de pesquisadores. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p.161-183, set/dez. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/63251>. Acesso em: 13 jul. 2020.

IBRAM. Assessoria de Comunicação. Memória: Política Nacional de Museus completa dez anos de lançamento, 2013. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/memoria-politica-nacional-de-museus-completa-dez-anos-de-lancamento-hoje-16/>. Acesso em: 15 jul. 2020.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997. Disponível em: https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2011/02/latourewoolgar_1997_a-vida-de-laboratorio-e28093-a-producao-dos-fatos-cientificos_book.pdf. Acesso em: 14 jul. 2020.

MUSEOLOGIA & CONSERVAÇÃO. Acompanhando o mundo da Museologia e seus aspectos. Disponível em: <http://museologiaeconservacao.blogspot.com/search/label/SEBRAMUS>. Acesso em 10 dez. 2019.

MUSEOLOGIA e sua interfaces críticas: museu, sociedade e os patrimônios. organização: Bruno Melo de Araújo, Verona Campos Segantini, Monique Magaldi e Gleyce Kelly Maciel Heitor. Recife: UFPE, 2019 (e-book). Disponível em: <https://orbi.uliege.be/bitstream/2268/239341/3/2019%20E-BOOK%20REDE%20MUSEOLOGIA.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2021.

PROJETO Sala de Arte e Ensaio. Início. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/arteeensaio/videos%20%C3%A9>. Acesso em: 15 dez. 2020.

REDE DE PROFESSORES E PESQUISADORES EM MUSEOLOGIA. Quem Somos? s.d. Disponível em: https://www.redemuseologia.com.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=403. Acesso em: 16 jul. 2020.

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA. Apresentação, 2019c. Disponível em: <http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/index/index/index/index>. Acesso em: 15 dez. 2019.

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA, 1., 2014, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: <http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/1sebramus/1sebramus/schedConf/presentations>. Acesso em: 2 dez. 2019.

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA, 2., 2015a, Recife. *Anais... Recife: Museu do Homem do Nordeste*, 2015. 5v. Disponível em: <http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/2Sebramus/2sebramus/schedConf/presentations>. Acesso em: 2 dez. 2019.

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA, 2., 2015b, Recife. [Produzido por:] vídeo@RNP, [Brasília], 16 a 18 nov. 2015. Publicado pela RNP. Disponível em: <https://video.rnp.br/portal/transmission.action?idItem=27906&fbclid=IwAR3RHwuEJ47JRIqABchKMfQ4LVKZII34bDDZfLG6q4WQTDUMUHvu6HaNt3zs>. Acesso em: 3 fev. 2021.

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA, 3., 2017a, Belém. *Anais...* Belém: UFPA, 2017. Disponível em: <http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/3sebramus/3Sebramus/schedConf/presentations>. Acesso em: 2 dez. 2019.

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA, 3., 2017b, Belém. Fotos. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/3Sebramus/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA, 4., 2019a, Brasília. *Anais...* Brasília: UNB, 2019. Disponível em: <http://www.sebramusrepositorio.unb.br/index.php/4sebramus/4sebramus>. Acesso em: 2 dez. 2019.

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA, 4., 2019b, Brasília. Democracia: desafios para a universidade e para a Museologia. Brasília: UnB, 2019. 7 vídeos (14 h 20 min). Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLYk4r4kCzQwYDriZ55OK2u59AHN3vUPm8&fbclid=IwARlz46oQpdtC0KReRU_nJa-VtRew9GvKefBORZIH7obENVRcaBwehHdaIV5E. Acesso em: 7 mar. 2021.

SIMIONE, Albino Alves. MATOS, Fernanda. O Campo em Bourdieu e a produção científica em Administração Pública no Brasil. *Revista ESPACIOS*, v.38, n.11, 2017. p.1-17. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n11/a17v38n11p01.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.10, n.2, 2000. 27p. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/326/248>. Acesso em: 13 jul. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Seminário Brasileiro de Museologia, I., Belo Horizonte, MG, 2014. Sobre o evento. Disponível em: <http://www.cursoseeventos.ufmg.br/CAE/DetailharCae.aspx?CAE=6345>. Acesso em: 23 jul. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Portal da UFPA. Evento nacional reúne na UFPA pesquisadores e profissionais da Museologia. Belém, 2017. Disponível em: https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/7604-evento-nacional-reune-na-ufpa-pesquisadores-e-profissionais-da-museologia?fbclid=IwARlPSxokRBblz2SCe8Z_sYz-5nmnsW9wvMx3UGbMujxxpzmkg-7G-uqe8. Acesso em: 15 dez.2019.

Recebido em junho de 2021.

Aprovado em maio de 2022.